

K A R L K Ö N I G

**A ALMA
HUMANA**

Título do original

The Human Soul
ISBN 86315 042 X

Publicado no Reino Unido por Floris Books

Direitos desta tradução reservados à

João de Barro Editora Ltda
R. Barão do Triunfo 88 sala 1612
CEP: 04620 000
contato@editorajoaodebarro.com.br
www.editorajoaodebarro.com.br

2ª Edição

fevereiro de 2020

Tradução:

ANA CRISTINA CORVELO e
SONIA LOUREIRO

Revisão:

MARCO CLIMACO

Projeto Gráfico:

GISELA MOTTA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

König, Karl, 1902-1966

A alma humana / Karl König ; (tradução Ana Cristina Corvelo e Sonia Loureiro). --
São Paulo : João de Barro Editora, 2006.

Título original : The human Soul.

Bibliografia.

1. Alma 2. Alma - Aspectos psicológicos 3. Alma humana - Perspectivas psicológicas
I. Título.

06-7866

CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

I. Alma humana : Psicologia 150

K A R L K Ö N I G

A ALMA HUMANA

TRADUÇÃO
ANA CRISTINA CORVELO
E SONIA LOUREIRO

Editora João de Barro, São Paulo, fevereiro de 2020



ÍNDICE:

1. A CONSCIÊNCIA E O INCONSCIENTE:

1.1 A Psicologia moderna e a alma humana	pág. 9
1.2 Consciência e alma	pág. 11
1.3 A chegada ao território da alma	pág. 14
1.4 Consciência, alma e inconsciente	pág. 17
1.5 Riso e pranto	pág. 20
1.6 Sinopse	pág. 26

2. EROS E PSYCHÉ:

2.1 As três regiões da alma	pág. 29
2.2 A capacidade intencional da alma	pág. 32
2.3 A natureza transcendental da alma	pág. 35
2.4 Desejo e discriminação	pág. 38
2.5 Sinopse	pág. 42

3. DOR E ANSIEDADE:

3.1 A paisagem da alma humana	pág. 45
3.2 A questão da dor	pág. 47
3.3 O enigma da ansiedade	pág. 55
3.4 Sinopse	pág. 61

4. MEDO, VERGONHA E RAIVA:

4.1 A linguagem das emoções	pág. 63
4.2 O significado da ira	pág. 68
4.3 O fenômeno do medo e da vergonha	pág. 72
4.4 Três companheiros: medo, vergonha, ira	pág. 78
4.5 Sinopse	pág. 82

5. HUMOR E TEMPERAMENTO:

5.1 Os humores humanos	pág. 85
5.2 Emoção, temperamento e humor	pág. 89
5.3 O mecanismo dos diferentes humores	pág. 94
5.4 Os quatro temperamentos	pág. 100
5.5 Humor e temperamento no ser humano e no animal	pág. 106
5.6 Sinopse	pág. 108

6. OS DOZE SENTIDOS:

6.1 Os doze sentidos do ser humano	pág. 111
6.2 Som, música e a qualidade intencional da alma	pág. 117
6.3 Luz e a natureza transcendente da alma	pág. 123
6.4 Sinopse	pág. 127

7. A CONSCIÊNCIA:

7.1 A questão sobre a consciência	pág. 131
7.2 As diferentes formas de consciência	pág. 135
7.3 O despertar e as dimensões da consciência	pág. 140
7.4 A evolução da consciência e o inconsciente	pág. 144
7.5 A natureza de consciência de objeto e a alma humana	pág. 148
7.6 Sinopse	pág. 152

8. OS SONHOS:

8.1 O país dos sonhos	pág. 157
8.2 A interpretação dos sonhos	pág. 160
8.3 O conteúdo dos sonhos	pág. 165
8.4 As dimensões dos sonhos	pág. 170
8.5 Os diferentes tipos de sonhos	pág. 174
8.6 A natureza dos sonhos	pág. 178
8.7 Sinopse	pág. 182

1. - A CONSCIÊNCIA E O INCONSCIENTE

1.1. A Psicologia Moderna e a Alma Humana

Pode parecer um pouco arrogante dizer que a Psicologia não lida com seu próprio objeto de estudo, a alma humana, mas é verdade. Por um lado, a Psicologia lida com a consciência humana, e por outro lado tenta penetrar o vasto domínio do inconsciente. Mas a própria alma – a verdadeira essência do homem – é deixada de fora.

Será que é possível descrever realmente a diferença entre consciência e alma? Entre alma e inconsciente? Afinal, estamos autorizados a falar em termos científicos sobre a alma humana? Em geral, essa palavra e o significado que ela contém são usados somente por teólogos e poetas. Seu valor na linguagem científica atual é quase nulo; e até menos que nulo, porque os que a utilizam tornam-se imediatamente suspeitos de serem místicos ou 'impostores' idealistas.

Mesmo quando tentamos entender o significado de uma expressão como 'de corpo e alma', ou qualquer outra na qual a palavra alma apareça, experimentamos algo inteiramente diferente do que entendemos por consciência. Quando lemos no Evangelho: *De que valeria um homem se ele conquistasse o mundo inteiro e perdesse sua alma...*, sabemos que a última palavra não pode ser substituída por 'consciência'. Pois é com a ajuda da consciência que somos capazes de conquistar o mundo, não com a ajuda da alma. Então, consciência e alma são opostas? Não são; mesmo que sejam distintas, a diferença não surge pela negação da realidade da alma ou pela contradição de sua existência.

Entretanto, isto é continuamente feito hoje em dia, e dificilmente um

psicólogo profissional poderia pensar em usar a palavra alma, embora a carregue em seu próprio título, pois Psicologia é a palavra grega para conhecimento da alma. McDougall, por exemplo, é forçado a esquivar-se da questão quando tenta definir os limites da Psicologia e diz: *O objetivo da Psicologia é devolver a maior exatidão e sistematização possíveis no conhecimento da natureza humana*¹... Dessa forma, ele sobrepõe 'o objetivo' ao 'objeto' e define a Psicologia como o conhecimento da natureza humana. Mas este é também o objeto da Anatomia, da Fisiologia, da Psiquiatria, da Antropologia e de muitos outros ramos da Filosofia Natural e das Ciências Humanas; todas contribuem para o melhor conhecimento da natureza humana.

A Psicologia moderna, incapaz de reconhecer a alma humana, mas igualmente incapaz de negar seus efeitos, a substitui por outras palavras. Um dos véus que encobre a imagem da alma é a palavra personalidade. Existem traços de personalidade, testes de personalidade, dimensões da personalidade, e muitos mais desses nomes inadequados; eles ocultam a realidade da alma para ignorar sua existência.

A existência da alma é negada, ou timidamente explicada. Existem impulsos e motivações, inteligência e atitudes, percepção e fatores. Eles são estatisticamente mapeados, quase sempre analisados e interpretados de maneira incredivelmente tola e infantil. Meça o máximo de traços e motivações; interprete as reações e os fatores que estiverem à mão em termos de comportamento animal ou substitua tudo isso por princípios freudianos e tudo estará bem. Essa é uma das tendências da Psicologia moderna, influenciada pelas opiniões malformadas nos Estados Unidos e pela atitude sofisticada da moderna filosofia britânica.

E torna-se compreensível quando uma voz que parte do meio dos psicólogos é repentinamente ouvida e diz: *A Psicologia é a mais indisciplinada das disciplinas, a criação e a base exagerada de toda extravagância, uma*

¹ McDOUGALL William, *An Outline of Psychology*, (Londres, 1923).

*Torre de Babel para toda linguagem conhecida e desconhecida, um cofre para moedas falsificadas e espúrias, um mercado para todos os vendedores ambulantes de teorias rebuscadas e improváveis*². Se um professor de Psicologia fala nestes termos, devemos acreditar nele.

A Psicologia transformou-se num mercado porque negou a existência de seu próprio objeto: a alma humana. É uma Torre de Babel porque cada vez mais são introduzidos palavras, termos, nomes e categorias para expressar o que poderia simplesmente ser chamado de 'alma humana'. É um cofre, porque ao invés da realidade, é apresentada apenas uma representação dela, sob a forma de moedas abstratas.

Sendo assim, não seria melhor deixar os limites das investigações psicológicas modernas para trás e tentar penetrar o domínio desconhecido da alma humana? Será possível perscrutar seu caminho longe o bastante para que uma primeira luz, ainda que pálida, surja?

1.2 Consciência e Alma

Pode parecer infrutífero tentar descrever o significado da palavra 'alma'. Ela se refere a algo que sabemos existir em algum lugar nas profundezas de nosso ser, mesmo que sua existência seja continuamente negada ou proposadamente velada. Definir a palavra 'alma' é tão difícil quanto definir a palavra 'consciência'.³ Já mencionamos a diferença entre esses dois conceitos e devemos agora tentar perguntar à própria compreensão inte-

2 COHEN John, *Humanistic Psychology* (Londres, 1958).

3. N.T. optou-se por traduzir a palavra 'mind' por 'consciência'

rior o que queremos expressar ao dizer 'consciência' e o que sentimos quando dizemos 'alma'.

Se fizermos da linguagem o nosso professor, descobriremos uma grande variedade de conceitos encobertos pela palavra 'consciência'. Eu posso 'mudar de ideia' (change my mind); posso 'seguir minha opinião' (follow my mind); posso 'tomar minha decisão' (make up my mind) e então decidir 'dirigir-me a alguma coisa' (set my mind to something). A todo o momento a palavra 'consciência' expressa o fator principal da vida consciente. Essa consciência que sigo, que coloco em direção a algo, que repentinamente descobre uma coisa e é transformada por ela, irradia como uma luz. Não será ela uma espécie de luz que brilha numa região obscura, inatingível de mim mesmo?

Contudo, há outro significado para essa palavra. Se 'tenho algo em mente' (bear something in mind), ou se eu 'me lembro' (keep it in mind), ou se estou 'consciente de algo' (in mind of something), significa que eu me lembro, ou ainda melhor, que recupero o que de outra forma teria desaparecido no vasto reino inconsciente de minhas lembranças. Aqui 'consciência' novamente significa trazer algo para a luz e evitar que seja esquecido.

As próximas sentenças expressam outro conceito em relação à mesma palavra: quando dizemos 'não se intrometa' (mind your own business), 'não se incomode' (never mind him) e 'ele não se importa', (he does not mind), ou 'você se importa?' (do you mind?), nos referimos à consciência de outra pessoa ou à nossa própria. O que queremos realmente dizer quando perguntamos a alguém se ele se importaria com algo que fizéssemos? Eu dirijo sua atenção à intenção de meu ato. De maneira semelhante, peço a outra pessoa que não dê atenção a algo especial e assim que 'não se intrometa'. Refiro-me novamente à luz brilhante. Eu digo 'brilhe sobre mim e então me diga se meu ato pode permanecer na sua luz'. De maneira semelhante, eu peço a outra pessoa que retire sua luz e não perturbe o brilho da minha.

Quando alguém está 'fora de si' (out of mind), significa que essa pessoa perdeu seu julgamento mais apurado. Por outro lado, quando diversas pessoas estão juntas 'em um só pensamento' (of one mind), então suas luzes individuais brilham em conjunto, sem qualquer divergência.

Embora o significado desta palavrinha, tão importante, possa ser variado e diversificado, ele sempre indica a luz da consciência. Descreve aquela parte especial de nosso ser que atua sob a luz da autoconsciência.

A origem da palavra é diversa. Deriva do anglo-saxão 'gemynd' que significa 'memória'. Também tem sua raiz na palavra anglo-saxã 'munan' que significa 'pensar' e está intimamente relacionada à palavra romana 'mens'. A última palavra significa o mesmo que 'mente'. Ela descreve algo como razão, inteligência, julgamento, como nas palavras romanas 'mens et ratio' e 'mens sana in corpore sano', significando 'razão e significado' e 'mente sã em corpo sã'.

Assim podemos associar 'mente' com 'mens' e 'mental', bem como com 'gemynd' e 'munan'. Todas, entretanto, nos remetem a uma palavra única que é *homem* (man). O homem é o ser que é gerado aqui na Terra com a luz da consciência.

Existe um significado bem diferente por trás da palavra 'alma'. Ela soa muito diferente. A vogal brilhante em 'consciência' (mind), que é parecido com 'luz', (light) 'olhos', (eyes) 'Eu', (I) e 'superior', (high) 'seco', (dry) 'meu', (mine) e 'teu', (thine) aponta para a claridade luminosa da consciência diurna. Entretanto, 'alma' (soul) tem um som escuro como em 'buraco' (hole), e 'cavidade' (hollow), mas também em 'todo' (whole) e vida 'errante' (roam), em 'planar' (soar) e 'rugir' (roar). E 'alma' (soul) e 'som' (sound) são intimamente relacionados.

Esta palavra é idêntica à palavra anglo-saxã 'sawel' e à alemã 'Seele'. Não se sabe onde pode ser encontrada a raiz dessas palavras, relacionadas entre si. Também existem bem poucas expressões no idioma inglês com a palavra 'soul' (alma). Chamamos alguém de 'boa alma' ou 'pobre alma' e ambas as expressões não são muito elogiosas; elas expressam um tipo de superioridade benevolente sobre a 'pobre' ou a 'boa alma'.

Por outro lado, existe a expressão 'de corpo e alma' e ela significa o âmago de nosso ser interior. É impossível darmos mais que 'corpo e alma' a uma tarefa, pois isso contém tudo que um homem pode dar. Não é a luz intencional da consciência, nem indica a totalidade da região da consciência. Significa 'o todo e tudo', o que quer que um homem tenha – corpo e espírito, coração e alma, o que ele doa para certa coisa.

De maneira semelhante, quando somos instados a confessar 'com alma e consciência', não estamos só querendo dizer a verdade, mas muito mais que isso. Significa sustentar toda a nossa vida através de uma declaração.

É muito evidente a relação entre a alma e o coração, por um lado, e, por outro, com a consciência. Revela a sabedoria da linguagem e indica a direção correta.

Devemos agora tomar a luz da consciência e tentar penetrar no território oculto da alma.

1.3 A Chegada ao Território da Alma

Se voltarmos à questão sobre a natureza humana que a Psicologia moderna deixou em aberto e a descoberto, podemos nos perguntar: O que está faltando na descrição de todos esses impulsos, motivações, atitudes, traços, etc.? A resposta logo pode ser dada: é um país cinzento e sem cor onde muitas coisas acontecem, mas elas ocorrem sem beleza alguma; elas não têm graça, nem dignidade — simplesmente são. E, de repente, percebemos o ser humano como alguém que foi despido de toda a sua maravilha e beleza, de sua dor e alegria, para tornar-se um ser explicável. Despido de sua alma! Assim aparece o ser humano sob a amorfa luz

néon da Psicologia moderna. Sua face parece pálida, assemelhando-se mais a um cadáver do que a um ser vivo.

E perguntamos novamente: O que é *a alma* que falta aqui? Quando recordamos a infância e resgatamos algumas lembranças, cada um de nós relembra experiências felizes e infelizes. Existem cenas dos primeiros tempos, quando viajávamos com nossos pais, encontrávamos nossos primos, brincávamos com outras crianças e vivíamos tanto derrotas, como glórias. Como essas lembranças são coloridas! Cada uma delas carrega emoções profundas e sentimentos muito fortes, uma 'braçada' de coração e coragem.

Lembro-me de uma vez quando passeava pela floresta, criança de sete ou oito anos. Era uma manhã de verão e eu ainda via o sol brilhando entre as folhas do bosque cerrado. E, de repente, parei, meu coração começou a bater acelerado e um terror, até então desconhecido, assaltou todo o meu ser – à minha frente apareceu uma cobra; ela ergueu a cabeça e ficou olhando para mim. Nada aconteceu; o medo me paralisou e a cobra foi embora rastejando. Eu me virei e voltei para casa. Todo meu ser interior estava alvoroçado, embora eu não soubesse como, nem por que. Ao mesmo tempo, tentei me confortar. A partir desse momento, tornei-me diferente do que era antes. O medo, o infinito e o desconhecido ficaram muito mais próximos de mim e certa dose de contemplação passou a atuar em minha consciência. A cobra despertou minha vida de pensamentos.

A maioria de minhas recordações antigas é cheia de cor e maravilhas; é assim para a maioria de nós. A infância é cercada por tonalidades coloridas e pela aura dos contos de fadas. As coisas mais significativas eram revestidas de magnificência e reverência. Havia um segredo por trás de cada porta, um mistério em cada esquina. As imagens de fantasias eram muito mais reais que a vida à nossa volta. Nossos pais nos pareciam estranhos e distantes quando trabalhávamos arduamente e sofriamos com Robinson Crusoe, quando Gulliver nos conduzia ao país dos gigantes e anões e nós, provavelmente, experimentávamos suas aventuras de um modo muito

mais forte e vivo do que ele próprio. Naquela época, os pais eram quase como sombras, a escola como um território de vida confusa, encoberto por névoa e irrealidade.

Os primeiros amigos foram os companheiros dessas experiências. Eu amava profundamente meus primeiros amigos! Eu amava e admirava a primeira garotinha que me impressionou! Quem era este eu? Era o mesmo que sou hoje e, no entanto, tão diferente! Éramos conduzidos pelo coração e pela alma em todas as experiências; cada acontecimento era uma aventura e cada encontro, uma ocasião inesquecível. Maquinávamos à noite como fazer o dia parar!

Em outras ocasiões, desejávamos que o dia seguinte não chegasse, porque a consciência estava cheia de culpa e dificilmente podíamos imaginar como continuar vivendo. As sensações eram muito fortes e coloridas; preenchiam completamente nossa existência, e as imagens, fantasias e sonhos vagavam por todo lado.

Corríamos pelas ruas desprotegidos de tudo e inconscientes de todos os perigos que nos rodeavam. Um véu de segurança cercava nossos atos e nossos corpos funcionavam sem qualquer orientação consciente visível. Caminhávamos pela vida como se estivéssemos sobre uma corda bamba com os olhos vendados, até que, passo a passo – e em seguida – a consciência começou a tomar forma. Sua luz passou a irradiar; começamos a dirigi-la para certas tarefas. Recordávamos as lições, considerávamos os arreadores, seguíamos as ideias do professor e decorávamos as matérias escolares.

O acendedor da luz da consciência chegou e o colorido da alma se esvaneceu. A realidade do mundo exterior adquiriu cada vez mais importância e uma nuvem começou a sombrear nossas experiências interiores. As fantasias tornaram-se menos vívidas e as sensações menos aparentes. Assim como a luz crescente do sol, ao amanhecer, extingue o reluzir das estrelas do céu, a consciência apaga o colorido da vida anímica no decorrer da infância e juventude. Mas, embora as estrelas tenham desaparecido perante a luz do dia, elas continuam seguindo seu curso. De maneira seme-

lhante, as qualidades da alma continuam a viver e atuar por trás do sol da consciência. Conhecermos-nos significa aprender a descobrir novamente o domínio estrelado da alma.

1.4 Consciência, Alma e Inconsciente.

Estabelecer a diferenciação entre *consciência* e *alma* é o passo preliminar em direção ao primeiro entendimento do ser humano. É interessante que os idiomas alemão e escandinavo não tenham uma palavra que se compare ao significado de *consciência*. É extremamente difícil encontrar uma tradução germânica correta para ela; a cada exemplo, tem que ser substituída por uma expressão aproximada.

'Mente' provém do latim 'mens'. Era assim em Roma e mais tarde nos países latinos onde a grande luz da consciência se desenvolveu ao longo da História, nos últimos milênios. A partir de Roma e da Gália, a consciência em expansão penetrou no mundo Anglo-Saxão e transformou-se em experiência etnológica. A consciência não brilhava tão fortemente nos países germânicos, como aconteceu nos países latinos. O ser noturno da alma ainda prevalecia para os povos germânicos e o sol da mente era apenas uma aurora matinal. Isto agora é diferente, mas ainda não é possível dar à consciência um nome apropriado. Nas regiões do norte da Europa, ela não é tão diferenciada da alma como na Grã-Bretanha e esta é a razão pela qual não é chamada e denominada por uma palavra específica.

Da mesma forma que a consciência se desenvolve a partir da vida da alma durante a infância e juventude, outra parte de nosso ser retrai-se para o domínio do inconsciente. Assim como a Lua desce no céu do oeste

quando o Sol nasce, as motivações e intenções imergem para dentro da noite do inconsciente quando a consciência está sendo formada. O que se revela e se descobre durante a infância desaparece, na época da puberdade, para o interior dos invólucros ocultos da noite da alma. O Sol da consciência nasce e a Lua da volição declina. Os impulsos, instintos e motivações retrocedem às regiões desconhecidas do inconsciente. Os psicanalistas tentam acessar os vestígios deste território oculto, e o fazem de forma tal que podem infligir danos irreparáveis a muitas pessoas. O que hoje é descrito como tratamento psicanalítico é, frequentemente, uma forma de despersonalização medíocre do paciente. Em geral, é muito difícil uma pessoa se recuperar desse insulto. O domínio da noite não pode ser acessado pela luz elétrica do intelecto moderno. É necessária uma abordagem bem diferente.

Percebemos agora que existem duas regiões dentro de nós, a da consciência e a do inconsciente. Elas são opostas e comparáveis à experiência do dia e da noite externos. Existe, no entanto, uma grande diferença. Dia e noite não se alternam dentro de nós, ambos estão continuamente presentes. Quando estamos acordados, a consciência brilha e o inconsciente se escurece; isso é diferente no sono. Tentaremos descrever esta condição especial da existência humana num próximo capítulo.

Será útil para a compreensão da consciência, da alma e do inconsciente considerar dois atributos humanos: a dignidade e a graça. Podemos dizer que a dignidade é uma qualidade da consciência, enquanto a graça é atributo do inconsciente. A dignidade é a expressão mais elevada da consciência. Nela, os raios da consciência estão reunidos em torno da personalidade autoconsciente, que é capaz de controlar suas motivações. A consciência conquistou a habilidade para governar os impulsos e conhecer os motivos de suas ações. Uma espécie de coroamento circunda a consciência na dignidade.

Por outro lado, a graça é a satisfação de todas as motivações que vivem no inconsciente. Na graça, elas não servem mais a um propósito que se tenta obter de qualquer maneira possível; as motivações submetem-se

voluntariamente a uma ordem superior e tornam-se desinteressadas. Assumem a condição de autossubmissão e não revelam a si mesmas, mas a uma lei divina. O segredo da graça pode se revelar por uma dança sagrada indiana ou uma peça de Eúritmia, perfeitamente executadas.

Contudo, tanto a dignidade quanto a graça não residem numa espécie de isolamento esplêndido, elas pertencem à alma humana. Fazem parte da alma e esta lhes fornece certas qualidades. A roupagem da graça é a disposição serena e feliz; a da dignidade, a atitude séria e honesta. Estes sentimentos revestem as duas embaixatrizes da alma de cor e substância. A graça estará sempre envolvida no manto de felicidade e bem-estar e a dignidade estará envolvida em uma seriedade um tanto severa. Um misto de graça e seriedade seria tão antinatural como a dignidade esfuziante. Quando se manifestam dessa forma, sempre está presente um tom artificial e fantasioso.

A alma humana doa essas roupagens à graça e à dignidade, tornando-as humanas e aceitáveis. A alma envolve a esfera do inconsciente com o manto da alegria e da satisfação, e envolve a consciência com o manto da seriedade e da gravidade.

Os sentimentos da alma humana são similares às cores da natureza. As cores brilhantes e adoráveis da alegria estão colocadas em torno da existência noturna do inconsciente; as cores escuras e severas da atitude de seriedade obscurecem a luz da consciência.

Frequentemente, quando o Sol da consciência rompe a névoa dos sonhos pela manhã, podemos observar como o humor nas crianças é sério e controlado. À noite, por outro lado, quando chega a hora de dormir, o humor repentinamente se espalha em jovialidade sem limite, tudo se torna brincadeira e riso. A alegria e a felicidade do inconsciente são atraídas quando a noite se aproxima.

Assim, não é surpresa que psicólogos como Freud e Bergson tenham deixado a questão do riso, da graça e do humor à margem de suas pesquisas quando exploraram o domínio do inconsciente.

Já nos encontramos próximos à região da alma humana quando reconhecemos todos esses fenômenos. Os sentimentos são como as cores e expressam sua natureza dupla no equilíbrio entre alegria e tristeza. A alegria brilhantemente colorida do vermelho-carmim transforma-se no azul escuro da tristeza profunda, através de muitas nuances diferentes. Se o brilho das cores claras ou escuras alcança certo grau de tensão na alma, a ponto de se tornar insustentável, podemos romper tanto em choro, como em gargalhadas. 'Romper' é a palavra que melhor descreve este processo: é um transbordamento de alegria ou tristeza.

1.5 Riso e Pranto

Pranto, riso e suas explosões emocionais estão entre as características humanas mais surpreendentes. São comuns a todos os seres humanos; estão presentes em todas as etnias e são os companheiros constantes da humanidade.

Já se escreveu muito sobre o riso, mas consideravelmente menos sobre o pranto; assim temos pouco conhecimento e compreensão a respeito dessas expressões tão comuns da natureza humana. Professor Plessner⁴, em um dos melhores livros que lidam com esses dois fenômenos, escreve: *Riso e pranto, no verdadeiro sentido da palavra, são duas formas de expressão válidas apenas para o ser humano*. Este é um fato fundamental; nenhum animal pode chorar ou rir. Ele pode ser capaz de derramar lágrimas, gritar, arreganhar os dentes e, às vezes, até mesmo ter o vislumbre de um

4. PLESSNER H., *Lachen und Weinen*, Berna, 1950.